

A vantagem de falar dialeto: aproveitar as variedades não-padrão para a construção de comunidades multilíngües.

Joachim Steffen

For the most part, in linguistic policies, which mainly manifest themselves in educational measures, substandard varieties are at best ignored, if not actively suppressed. This often deprives pupils in immigrant situations and coming from a dialect background not only of their right to speaking their own language but also from the opportunity of acquiring the related standard, benefiting from early bilingual education. Instead, the national language is often used as the only language of instruction and is therefore likely to outdominate any other variety. This paper analyses two immigrant groups on the American continent which both represent diglossic communities in which High German as the High Variety has been lost or replaced by the national language while the related dialect is continuously used for in-group communication. Despite structural similarities in the sociolinguistic makeup of the two speech communities, there have been different approaches towards the teaching of standard German. The paper shows that language attitudes toward the substandard play a decisive role in these approaches. It is argued that instead of seeing the dialect as an obstacle for acquiring the standard variety it ought to be viewed as a suitable starting point to learning High German. Far from being an out-fashioned relic, dialects in immigrant communities should be conceived of as a vantage ground for building multilingual societies which include the own vernacular as an element of identity, the related standard as a means of international communication and, of course, the national standard as an instrument of integration.

Keywords: bilingual education; language policy; linguistic identity; dialectology; immigrant languages; diglossia

1 Antecedentes

A secção lingüística dessa revista pouco a pouco está convertendo-se num espaço de intercâmbio de ideias sobre o estado atual das variedades alemãs faladas no sul do Brasil e temas adjacentes (vide Altenhofen et alii.,¹ Markmann Messa (2008),² Altenhofen / Schlatter (2007),³ Pupp Spinassé (2006),⁴ entre outros). O presente

*Dr. Joachim Steffen DAAD-Lektor - Professor Visitante Universidad Nacional Autónoma de México - Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras
Edificio B, Cubículo 107 - Apdo. Postal 70442 - Ciudad Universitaria - 04510 Coyoacán
Tel.: (55) 5622 068386 ext. 249*

texto pretende oferecer uma outra perspectiva sobre o mesmo assunto pelo fato de comparar a comunidade teuto-brasileira com outra comunidade germanofalante no continente americano, os menonitas do México. A ideia pelo artigo nasceu como diagnóstico das observações feitas durante a pesquisa de campo para o Atlas Linguístico das Minorias Alemãs da Bacia do Prata (ALMA-H). Este atlas lingüístico tem como objetivo a documentação do dialeto de *Hunsrückisch* falado no sul do Brasil e em partes do Paraguai. Trata-se de um projeto de pesquisa dirigido por Harald Thun da Universidade de Kiel (C.A.U.) e Cléo V. Altenhofen da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).⁵ A sua metodologia é pluridimensional e relacional. Isso implica que, além da dimensão diatópica, refletida nos atlas lingüísticos tradicionais, o ALMA-H procura representar também outras dimensões da variação lingüística, a saber, as dimensões diageracional, diatrática e diafásica, para obter uma imagem mais fiel da realidade lingüística. Em fevereiro e março de 2008 tive a oportunidade de participar da primeira fase da coleta de dados que compreendeu entrevistas em diversas localidades do Rio Grande do Sul. As seguintes deliberações tanto sobre o *status* do dialeto quanto sobre o ensino da língua alemã padrão a partir do dialeto saíram como resultado das entrevistas com os informantes do ALMA-H ante o pano de fundo das experiências do ensino do alto alemão nas colônias menonitas do México. A situação lingüística nessas comunidades germanofalantes é parcialmente comparável com aquela dos grupos de fala alemã do Brasil. A perspectiva que adota esse artigo é, por conseguinte, o duplo olhar sobre as situações tanto internas como ambientes das minorias germanofalantes no Brasil, por um lado, e no México, por outro lado, a fim de debater as convergências de ambos os casos mas também as particularidades das circunstâncias da comunidade teuto-brasileira. O ponto de vista é uma mudança da maneira de ver as variedades alemãs do sul de Brasil com a finalidade de aproveitá-las decididamente pelo ensino do alemão padrão.

As reflexões aqui apresentadas estão apoiadas nas experiências do autor como estudante na graduação de Letras (Português-Alemão), como professor de Alemão, além de como estudante de doutorado em Lingüística. Elas procuram dar contribuições, sobretudo no âmbito conceitual, da fonologia – e menos diretamente da fonética – à aula de Alemão como Língua Estrangeira. Para tanto, são analisadas algumas afirmações normalmente feitas por professores e aprendizes de alemão. Procuramos mostrar que conceitos referentes à escrita (letras), fonética (fones) e fonologia (fonemas), embora relacionáveis, costumam ser mesclados de tal forma que surgem equívocos.

2 Comparação das situações lingüísticas atuais nas comunidades germanofalantes do Brasil e do México

Embora as duas comunidades de fala em questão aqui estejam situadas em lugares geograficamente muito distantes, compartilham certas características sociais e lingüísticas que justificam uma análise conjunta. Tratam-se de duas comunidades de imigrantes no continente americano nas quais se usam dialetos historicamente aparentados com a língua alemã, embora as duas variedades se distingam quanto à distancia lingüística da língua padrão.

Os menonitas do norte do México representam a maior coletividade de germanofalantes do país. Ainda que não existam dados exatos sobre o seu número, estima-se que supere a soma de 60.000 pessoas. São descendentes de grupos de

anabatistas cuja origem foi a Suíça da época da Reforma. Depois de perseguições contínuas formaram-se como congregações na Holanda sob a égide do sacerdote Menno Simons em torno do ano 1536. Apesar de os menonitas majoritariamente se retirarem das cidades para as zonas rurais para evitar repressões, reiteradamente viram-se obrigados a deixar seus campos. As subsequentes migrações do povo menonita constituem uma história muito longa que não pode ser detalhada neste espaço. Em vista disso, limitar-me-ei a me referir às migrações dos antepassados direitos dos menonitas mexicanos, cujo conhecimento é necessário para a compreensão da sua situação lingüística atual (para maiores detalhes vide Steffen 2007).⁶ Depois dos começos do movimento na Holanda, os menonitas emigraram para a Prússia no século VXI. Lá, em pouco tempo adotaram o dialeto dessa região, o *Plautdietsch*, como língua vernácula enquanto a sua língua litúrgica e da administração seguia sendo o Holandes por muitos anos. Desde então, um rasgo cultural que define os menonitas como etnia é o *Plautdietsch* que levaram consigo quando emigraram de novo em finais do século XVII para a Rússia a convite da Czarina Catarina A Grande. Pouco antes da partida de terras alemãs, o alto alemão tinha substituído ao Holandes como língua das funções administrativas e dos contextos formais. Depois de quase cem anos na Rússia, aproximadamente um terço dos menonitas emigrou para o Canadá. Os motivos dessas migrações foram, em termos gerais, uma junção de escassez de terra e de condições socio-políticas que significavam uma ameaça para o estilo de vida dos crentes e para a sua liberdade da fé. Em circunstâncias semelhantes, uma fração conservadora decidiu, nos anos 1921/22, ir para o México quando o estado canadense emitiu planos de integrar aos menonitas no sistema escolar nacional.

Desde a permanência na Prússia e durante os séculos posteriores, pode-se constatar entre os menonitas uma constelação lingüística que corresponde à clássica diglossia em termos de Ferguson.⁷ Tomava o alto alemão como variedade *H* e o baixo alemão como variedade *L* e, em termos gerais, ainda segue sendo assim. Não obstante, depois da emigração de terras alemãs o contato com a língua padrão diminuía-se cada vez mais enquanto o baixo alemão sempre mantinha-se como principal vernáculo do grupo. O problema agravou-se com o tempo, visto que o sistema educativo das colônias degenerou-se em uma instituição de pura repetição e não de uso ativo e criativo da língua alemã. Assim uma grande parte da povoação menonita hoje em dia tem somente conhecimentos rudimentares do idioma alto alemão.⁸ O *Plautdietsch* como variedade *L* está solidamente arraigado e conta com a lealdade e a solidariedade dos falantes que o têm como parte da sua própria cultura. Até há pouco tempo o alto alemão usava-se exclusivamente de maneira reprodutiva em rituais fixos e rígidos, mas não de maneira criativa. Resumindo, pode-se dizer que as comunidades menonitas do norte do México representavam, e em maior parte ainda representam, coletividades diglössicas nas quais a variedade *L* se mantém com as mesmas funções de antes, enquanto a variedade *H* desapareceu como língua viva e assim nem mesmo cumpre as funções genuínas. Fishman⁹ introduz para este tipo de língua disfuncional o termo *Dummy H*. É uma língua que tem prestígio considerável na comunidade, embora realmente não seja utilizada de forma exaustiva em nenhum contexto. Somente de forma parcial as línguas que se usam para entrar em contato com a sociedade majoritária adotaram as funções da variedade *H*. Isto quer dizer que embora muitos menonitas das colônias no México falem espanhol correntemente com os mexicanos aquela língua não forma parte do repertório de línguas que se usam dentro da própria comunidade.

Em vários aspectos, a história lingüística dos imigrantes alemães do sul do Brasil é similar à dos menonitas germanofalantes do México. Assim como os imigrantes alemães no México, os teuto-brasileiros formam parte de uma paisagem lingüística muito variada que inclui uma série de línguas autóctones e, no caso do Brasil, também diversas línguas de imigração, algumas das quais ainda contam com comunidades de falantes ativos. Entre estes grupos figuram os descendentes dos imigrantes alemães provindos da região do *Hunsrück*, na Alemanha e de zonas adjacentes. Predominantemente se concentram na região sul do Brasil. A maioria dos primeiros colonos alemães era formada de agricultores e foi aliciada pelo governo brasileiro, entre outras coisas, com o fim de colonizar as regiões fronteiriças que contavam com uma povoação escassa no século XVIII.¹⁰ A partir do ano 1824, os alemães se estabeleceram no município de São Leopoldo e dali para toda a região sul do Brasil. Os imigrantes foram assentados principalmente em comarcas retiradas a fim de povoá-las e daquela maneira assegurar o controle do estado brasileiro sobre estas zonas. Não obstante, nessas condições, o governo não podia garantir a formação escolar nas colônias. Por causa disso, os imigrantes viram-se obrigados a fundar as suas próprias escolas, nas quais naturalmente se ensinava em alemão.¹¹ A primeira geração de professores tinha sido formada somente na língua *standard* na Alemanha. Nessa situação, tal como antes da emigração de terras alemãs, podia-se constatar uma clássica constelação de diglossia,¹² na qual o alto alemão funcionava como variedade *H(igh)* porque desempenhava o papel da língua escrita e do ensino formal. O *Hunsrückisch*, porém, usava-se em situações informais como código de confiança, ou, em termos de Ferguson, como variedade *L(ow)*. A diglossia continuou nas gerações nascidas em Brasil, a causa do uso perpétuo do alto alemão como língua escrita principal. Ainda assim, esta tradição se rompeu no momento que a política nacionalista do presidente autoritário Getúlio Vargas proibiu e suprimiu o uso de qualquer língua que não fosse o português, tanto nas escolas quanto em outras manifestações públicas da língua. De um dia para o outro, praticamente, teve que se passar do alemão ao português nas escolas dos imigrantes. Visto que nem mesmo os professores dominavam ainda suficientemente a língua oficial do país as conseqüências para educação nas colônias foram graves. Altenhofen¹³ identifica estes acontecimentos como fator significante pela dupla marginalização dos teuto-brasileiros.

Por um lado, foram privados da aprendizagem do alto alemão pela proibição governamental, por outro lado a falta da instrução do português também lhes agravava a integração na comunidade lingüística dos lusofalantes. Em parte foi esta situação a que contribuiu à manutenção do dialeto como vernáculo já que aquele foi a única variedade que realmente conseguiam dominar sem dificuldade. Como conseqüência, a geração jovem perdeu o contato com a língua alemã padrão. Por outro lado, esta situação contribuiu para que o dialeto se mantivesse como vernáculo dentro do âmbito familiar já que durante um tempo foi esta a única língua que os colonos realmente chegavam a dominar.¹⁴ Como pudemos verificar nas entrevistas para o ALMA-H em fevereiro/março de 2008, até hoje em dia, em várias comunidades em municípios do interior do estado do Rio Grande do Sul, o *Hunsrückisch* é a primeira língua que as crianças aprendem e nas instituições públicas de educação, mais tarde, evidentemente todos também aprendem a falar português.

Depois desta breve síntese histórica da situação lingüística dos imigrantes alemães no sul do Brasil, podem-se constatar certos paralelos significativos com os

menonitas do México. Tanto como lá, também na comunidade teuto-brasileira existia uma situação de diglossia com o alto alemão como variedade *H* e o dialeto como variedade *L*, perdendo-se gradualmente a variedade *H* e deixando o grupo exclusivamente com a variedade *L*. As diferenças principais entre os dois casos são as seguintes: 1. Ao contrário dos imigrantes no México, a troca das línguas do ensino nas escolas resultou numa substituição da variedade *H* pelo português. As funções que, antigamente, desempenhava o alto alemão agora são cumpridas amplamente pelo português. 2. Ao mesmo tempo, o dialeto *Hunsrückisch* sofreu uma enorme perda de prestígio já que se começou a relacioná-lo com o estigma da ruralidade, escassa educação e baixo nível cultural. Estes prejuízos converteram-se de heteroestereótipos em autoestereótipos dos falantes mesmos. Esta situação pode ser vista como parte dos motivos pelos quais o português substituiu também parcialmente a variedade *L*, o *Hunsrückisch*. Esta variedade é vista por alguns como um código inferior a uma língua e por conseguinte a comunicação familiar já não se leva a cabo exclusivamente no dialeto, senão cada vez mais em português. Particularmente nestes dois aspectos, a comunidade teuto-brasileira se distingue dos menonitas mexicanos. Por um lado, a língua ambiente predominante, o espanhol, não assumiu inteiramente o papel da variedade *H*, em parte porque as escolas seguem sendo não estatais. Mas o ponto mais relevante é que os menonitas estão longe de abandonar seu próprio dialeto, que têm em grande estima, a favor de outra língua. Pela comunicação interna do grupo, o *Plautdietsch* tem uma posição incontestada. No trecho seguinte se discutirá como estes fatores repercutem no ensino do alemão padrão em ambos os casos.

3 O ensino da língua padrão a partir do dialeto

Como se mencionou acima, durante séculos o sistema educativo das colônias menonitas estava literalmente orientado à pura repetição do alto alemão, visto quase como língua sagrada, em detrimento do nível educativo em geral e do nível de alemão em particular. Ainda assim, há alguns anos houve um grupo de menonitas que lançou uma iniciativa com o fim de melhorar a formação escolar e o nível do alto alemão na sua comunidade. Desde o ano 2002 o Serviço Alemão de Intercâmbio Académico (DAAD) engaja-se naquela iniciativa, principalmente com cursos de formação de professores. Os cursos tem o objetivo tanto de aumentar os conhecimentos de didática mas também o domínio da língua alemã mesma. Tendo em conta que os professores e alunos praticamente começaram do zero, já que no fundo somente falavam o *Plautdietsch*, os resultados são mais que respeitáveis. Em poucos anos o alto alemão foi reavivado como língua de comunicação creativa e estabeleceu-se de tal maneira no ensino que agora os alunos do último nível participam regularmente nos exames do *Deutsches Sprachdiplom*, nível C1 do Marco Comum Europeo de Referência para as Línguas (MCER). Os certificados deste exame permitem o ingresso direto nas universidades alemãs. Este nível é alcançado por muito poucos estudantes mexicanos que têm com fundo exclusivamente o espanhol. A causa principal do alto rendimento dos menonitas nas provas do alemão é sem dúvida o fato de que já dominam o dialeto afim com o a língua padrão, apesar de lingüisticamente o *Plautdietsch* ser bastante distante do alto alemão. Isto quer dizer que os dois códigos não são mutuamente compreensíveis. Um falante do alto alemão geralmente não entenderia a um falante do *Plautdietsch*, e vice-versa. O principal motivo disso é que o *Plautdietsch* menonita como dialeto do

baixo alemão não passou pela segunda mudança fonética alemã (2. *Deutsche Lautverschiebung*) que caracteriza as variedades do sul da Alemanha. Esta mudança fonética, que começou aproximadamente no século VI,¹⁵ afetou principalmente os consoantes /p/, /t/, /k/, que transformaram-se em africadas ou fricativas. Adicionalmente, o *Plautdietsch* distingue-se do alto alemão quanto ao sistema vocálico. Duma maneira geral, contudo, as diferenças são regulares e por conseguinte fáceis de entender depois de exercícios apropriados. Além disso, existem certas diferenças morfossintáticas, como por exemplo, a ausência do genitivo em *Plautdietsch* ou diferenças na ordem das palavras. Não obstante, na totalidade, as convergências, particularmente no âmbito do léxico, são preponderantes. Nos cursos de formação de professores, além de tratar temas de didática, procuramos colocar em destaque os aspectos nas quais as duas variedades variam. Isto implica também uma sensibilização pelos distintos registros da língua, incluindo os estilos escritos, que no baixo alemão geralmente não contam com uma diversificação tão notável. É digno de mencionar, ainda, que as transferências positivas, resultado da semelhança entre as duas variedades, normalmente se dão de maneira automática.

Com o fim de dar uma idéia da distância lingüística entre o dialeto e a língua padrão apresentarei, na continuação, uma seleção de dez frases do alto alemão com a sua respectiva equivalência no *Plautdietsch* e com a tradução para o português:¹⁶

1. Alto alemão: Im Winter fliegen die trockenen Blätter in der Luft herum.
Plautdietsch: En Winta fleejen de dreeje Bleeda en de Loft rom.
Português: No inverno, as folhas secas voam pelo ar.
2. Alto alemão: Es hört bald auf zu schneien, dann wird das Wetter wieder besser
Plautdietsch: Daut heat fuats op to schnien, daun ward daut Weda wedda beta.
Português: Daqui a pouco vai parar de nevar, então o tempo vai melhorar de novo.
3. Alto alemão: Tu Kohlen in den Ofen, damit die Milch bald zu kochen anfängt.
Plautdietsch: Do Kohlen en den Oven, dormet de Maltj bauld to keaken anfangt.
Português: Põe carvão no fogão, para que o leite comece logo a ferver.
4. Alto alemão: Der gute, alte Mann ist mit dem Pferd auf dem Eis eingebrochen und in das kalte Wasser gefallen.
Plautdietsch: De gode, aule Maun is mit daut Pierd en daut Is injebreakn en em daut kole Wota jefaulen.
Português: O bom velho homem rompeu o gelo com o cavalo e caiu na água fria.
5. Alto alemão: Er ist vor vier oder sechs Wochen gestorben.
Plautdietsch: De es fea veer oder sas Weaken gestarven.
Português: Ele morreu faz quatro ou seis semanas.

- | | | |
|-----|---------------|---|
| 6. | Alto alemão: | Das Feuer war zu heiß, die Kuchen sind ja unten ganz schwarz gebrannt. |
| | Plautdietsch: | Daut Fier weer to heet, de Küaken senn ja ünjen gaunz schwart jebrennt. |
| | Português: | O fogo estava quente demais, os bolos/cucas ficaram pretos e queimados por baixo. |
| 7. | Alto alemão: | Er ist seine Eier immer ohne Salz und Pfeffer. |
| | Plautdietsch: | He at de Eier emmer ohn Salt em Pepa. |
| | Português: | Ele sempre come os ovos sem sal e sem pimenta. |
| 8. | Alto alemão: | Die Füße tun mir so sehr weh, ich glaube, ich habe sie mir durchgelaufen. |
| | Plautdietsch: | De Fööt don mi so sehr weh, ik glööv ik han mi de dörchjerannt. |
| | Português: | Os pés me doem muito, eu acho que os machuquei/abri de tanto caminhar. |
| 9. | Alto alemão: | Ich bin selber bei der Frau gewesen und habe es ihr gesagt. Und sie sagte, sie wolle es auch ihrer Tochter sagen. |
| | Plautdietsch: | Ik sinn selvst bi de Früü gewast en harr de daut gesajt. Em se sajt, se well ehre Tochter daut uk sajen. |
| | Português: | Eu estive eu próprio na casa da senhora e disse isso para ela. E ela disse que queria contar isso também para a filha dela. |
| 10. | Alto alemão: | Ich will es auch nicht mehr wieder tun/machen. |
| | Plautdietsch: | Ik well daut uk nich mehr wedder doon. |
| | Português: | Eu também não quero mais fazer isso de novo. |

O motivo de apresentar aqui com alguma extensão uma parte das frases de Wenker tanto em alto alemão quanto em *Plautdietsch* menonita é para evidenciar que, por um lado, as diferenças entre as variedades são efetivamente ostensíveis. Por outro lado, pode-se observar também que estas diferenças são principalmente do tipo de correspondências mais o menos constantes de determinadas consoantes e vogais, como por exemplo, o ditongo [ai] do alto alemão (<ei> na ortografia) que corresponde ao [i] do baixo alemão, etc. Em vista disso, o domínio do dialeto como primeira língua há de ser visto mais como uma vantagem que como um obstáculo para o aprendizado da língua padrão. Os resultados dos exames certamente sustentam esta vista.

Agora, para fins de comparação, seguem as mesmas frases em *Hunsrückisch*, tal como se fala no sul do Brasil:¹⁷

1. Im Winter fliehe die truckne Bletter in de Luft rom.
2. Es lesst gleich noh se schneeje, dann wedd das Wetter nommo besser.
3. Tu Kohle in de Owe, fo dass die Millich ball onfengt se koche.
4. De gute alte Mann is mit'em Gaul/Fäd uff'm Eis ingebroch unn in das kalt Wasser gefäll.
5. De is vor vier orre sechs Wuche gestoreb.
6. Das Feier woo zu heiss, die Kuche sinn jo unne ganz schwatz vebrennt.
7. De esst die Euer immer ohne Sals unn Pfeffer.
8. Die Fiess ton mea iwer weh, ich gloob, ich honn se mea dorchgeloof.

9. Ich woo selebst/selwa bei de Froo unn honn's dene gesoot. Unn die soot, die wollt's ooch denne sein Mede soon.
10. Ich will's ooch net meh nommo ton/mache.

Podé apreciar-se dos exemplos que lingüísticamente o *Hunsrückisch* é mais próximo ao alto alemão em comparação com o *Plautdietsch*. Sobretudo no consonantismo o *Hunsrückisch* compartilha traços com a língua padrão que no baixo alemão não são presentes. A razão desta observação é que o *Hunsrückisch* também experimentou em grande parte as mesmas trocas fonéticas da segunda mudança fonética alemã mencionada acima. Por consequência, para os falantes do *Hunsrückisch* as convergências da sua variedade e da língua padrão teriam que ser ainda mais evidentes. E efetivamente, durante a entrevista para o ALMA-H, em muitas ocasiões pudemos presenciar que o *Hunsrückisch* dos informantes e o alto alemão que eu falava eram mutuamente compreensíveis na maioria das vezes. Peculiarmente, apesar disso, freqüentemente os informantes mesmos não eram conscientes da comunicação bem-sucedida e se negavam a reconhecer que entendiam a língua padrão contra a evidência. Estas asserções habitualmente foram acompanhadas pela declaração de que a própria fala não era nada mais que um dialeto e não uma língua.

Estas afirmações refletem o enfoque das escolas de exagerar as divergências entre o *Hunsrückisch* e o alto alemão e de conceber o dialeto como impedimento para a compreensão da língua padrão. Ao contrário das escolas menonitas no México, onde a situação inicial pode ser vista como mais difícil pelas razões expostas, nas instituições educativas da região do sul do Brasil pelo visto não se considera ainda a possibilidade de aproveitar sistematicamente o dialeto pelo ensino da língua-alvo, o alemão padrão.¹⁸ Os professores mesmos adiantam a convicção de que falar *Hunsrückisch* impede o aprendizado correto do alto alemão. Sem dúvida, este fato também contribui para relativamente diminuir o dialeto entre os próprios falantes, novamente ao invés do que se pode observar na comunidade menonita no México. Por conseguinte, não poucos jovens deixam de falar o *Hunsrückisch* e preferem passar ao português. Desta maneira privam-se da singular oportunidade de construir uma comunidade trilingüe, na qual se fala *Hunsrückisch*, alto alemão e, evidentemente, português. Este objetivo naturalmente é um alvo ambicioso mas não inalcançável visto que aprender várias línguas ao mesmo tempo desde criança é realizável. As investigações dos últimos 40 anos até mesmo sugerem que a educação bilíngüe ou trilingüe tem efeitos positivos sobre o desenvolvimento cognitivo.¹⁹ Além disso, seria uma solução econômica para garantir o aprendizado de várias línguas, o que hoje em dia quase é uma necessidade para o desempenho profissional.

Em lugar de gastar muito dinheiro para aprender línguas estrangeiras a uma idade mais avançada, seria mais prático fazer um esforço para manter o dialeto com o fim de estabelecer amplos programas de escolas bilíngües, nas quais obviamente se ensina o português, mas ao lado disso também o alto alemão a partir do dialeto. Para este objetivo é preciso por fim acabar com o exagero das diferenças entre as variedades e dar realce às semelhanças. Nesse contexto, é importante também mencionar a proposta do grupo ESCRITUH com respeito à orientação da escrita do *Hunsrückisch*. Propõe essa equipe da UFRGS uma ortografia pelo *Hunsrückisch* que se aproxima das regras ortográficas do alto alemão.²⁰ Dessa maneira, a aprendizagem da ortografia do *Hunsrückisch* facilitará muito a leitura de textos em alemão padrão e vice-versa. Visto que o *Hunsrückisch* compartilha de muitas

características fonéticas e morfossintáticas com o alto alemão, que se podem retratar melhor com o emprego de uma escrita orientada em princípios que refletem essas características que com uma ortografia baseada no português que, por sua vez, não compartilha estas mesmas características.

Mesmo assim, o dialeto tem que ser visto como mais que um mero veículo para aprender o alemão padrão. O *Hunsrückisch* é também o código comum da comunidade teuto-brasileira e como tal representa o meio de comunicação tradicional que define a identidade do grupo.

5 Conclusões

Segundo a impressão da primeira fase da coleta de dados pelo Atlas Lingüístico das Minorias Alemãs da Bacia do Prata (ALMA-H) o *Hunsrückisch* ainda conta com uma base sólida de falantes no Rio Grande do Sul. Mesmo assim, a atitude contra o dialeto é dividida. Por um lado é reconhecido como patrimônio cultural do grupo, mas por outro lado é visto como algo inútil ou, ainda pior, como um obstáculo para o aprendizado do alto alemão apesar da sua relativa proximidade lingüística ao alemão padrão. Esta visão negativa do próprio vernáculo em parte provém da postura das instituições educativas que reprimem o uso do dialeto em vez de fazer uso dele para fins didáticos. No México, pelo contrário, o dialeto da comunidade germanofalante goza do prestígio dos próprios falantes. Além disso, apesar da sua relativa distância da língua-alvo o *Plautdietsch* permite em grande medida aproveitar as transferências positivas que resultam da afinidade fundamental de ambas variedades. Daí que o programa do ensino do alto alemão a partir da base do baixo alemão tem bastante êxito e está aumentando o nível de domínio da língua padrão também. Levando em consideração estas experiências parece que um fator essencial pelo fortalecimento do alto alemão nas comunidades teuto-brasileiras é uma mudança de atitude contra o *Hunsrückisch*. Se se somar aquela variedade não só se perde um patrimônio cultural incalculável mas também uma oportunidade única de facilitar às crianças o aprendizado de outra língua de alcance internacional, o alemão padrão, a favor duma ideologia monolíngüe do português que não parece apropriada a um mundo globalizado.

Notas

¹ ALTENHOFEN, Cléo V.; FREY, Jaqueline; KÄFER, Maria Lidiani; KLASSMANN, Mário S.; NEUMANN, Gerson R.; PUPP SPINASSÉ, Karen. Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. In: *Revista Contingentia* Vol. 2, No 2, 2007, p.73-87.

² MARKMANN MESSA, Rosângela. O papel do dialeto no desempenho de alunos na prova de proficiência Deutsches Sprachdiplom I. In: *Revista Contingentia*, Vol. 3, No 1, 2008, p. 51-68.

³ ALTENHOFEN, Valesca T. & SCHLATTER, Margarete. Ensino e avaliação de rendimento em alemão como língua estrangeira para falantes de dialeto. In: *Revista Contingentia*, Vol. 2, No 2, 2007, p. 101-110.

⁴ PUPP SPINASSÉ, Karen. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. In: *Revista Contingentia*, Vol. 1, No 1, 2006, p. 1-10.

⁵ ALTENHOFEN, Cléo V. & THUN, Harald. *Fragebogen für das Hunsrückische: Pluridimensionaler Teil. Questionário para o Hunsrückisch: Parte Pluridimensional*. Kiel: C.A.U./Porto Alegre: UFRGS, 2008.

⁶ STEFFEN, Joachim. *Vereinzelte Sprachinseln oder Archipel? Die Mennonitenkolonien in Belize im englisch-spanischen Sprachkontakt*. Kiel: Westensee-Verlag, 2007.

⁷ FERGUSON, Charles A.. Diglossia (1959), in: Anwar S. Dil (ed.), *Language Structure and Language Use. Essays by Charles A. Ferguson*. Stanford, CA.: Stanford University Press, 1971, p. 1-26, aqui p. 16.

⁸ Vide STEFFEN, J. 2007.

⁹ FISHMAN, Joshua A.(ed.). *Advances in the Sociology of Language*, The Hague, 1971. Ver também FISHMAN, Joshua A.. *Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism*, Journal of Social Issues 23, 1969, p. 29-38.

¹⁰ ALTENHOFEN, Cléo V.. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996, p. 57-61.

¹¹ Idem, 1996, p. 61.

¹² Ferguson 1971, p.16.

¹³ Altenhofen 1996, p. 71.

¹⁴ Idem, 1996, p. 71, 72.

¹⁵ SCHMIDT, Wilhelm. *Geschichte der deutschen Sprache*, 6. ed. Stuttgart: S. Hirzel, 1993, p. 174.

¹⁶ Trata-se duma seleção das frases que o lingüista alemão Georg Wenker utilizou pelo atlas lingüístico "Sprach-Atlas der Rheinprovinz nördlich der Mosel sowie des Kreises Siegen" do ano 1878. Wenker tinha concebido um questionário de 42 frases curtas que enviou aos professores nas escolas da Renânia para que éstes as traduzessem ao seu dialeto local. Estas frases formavam a base para o primeiro atlas lingüístico alemão e são utilizadas até hoje para fins de comparação dos dialetos do alemão. Devo a tradução das frases de Wenker ao questionário do ALMA-H.

¹⁷ Adaptado do questionário do ALMA-H de Altenhofen/Thun (2008).

¹⁸ Vide Altenhofen/Schlatter, 2007, p. 105-107.

¹⁹ KRASHEN, Stephen D. *Under Attack: The Case Against Bilingual Education*, Culver City, Calif.: Language Education Associates, 1996; CUMMINS, Jim. *Beyond Adversarial Discourse: Searching for Common Ground in the Education of Bilingual Students, Presentation to the California State Board of Education*, Feb. 9, 1998. Disponível no internet na página: <http://ourworld.compuserve.com/homepages/jwrcrawford/cummins.htm>;

GREENE, Jay. *A Meta-Analysis of the Effectiveness of Bilingual Education*, Claremont, Calif.: Tomás Rivera Policy Institute, 1998.

²⁰ Vide Altenhofen/Frey/Käfer/Klassmann/Neumann/Pupp Spinassé 2007; ALTENHOFEN, Cléo V. & FREY, Jaqueline. *Das bresilionische Deutsch unn die deutsche Bresilioner: en Hunsrickisch Red fo die Sprocherechte*. In: Revista Contingentia, Vol. 1, No 1, 2006, p. 39-50.